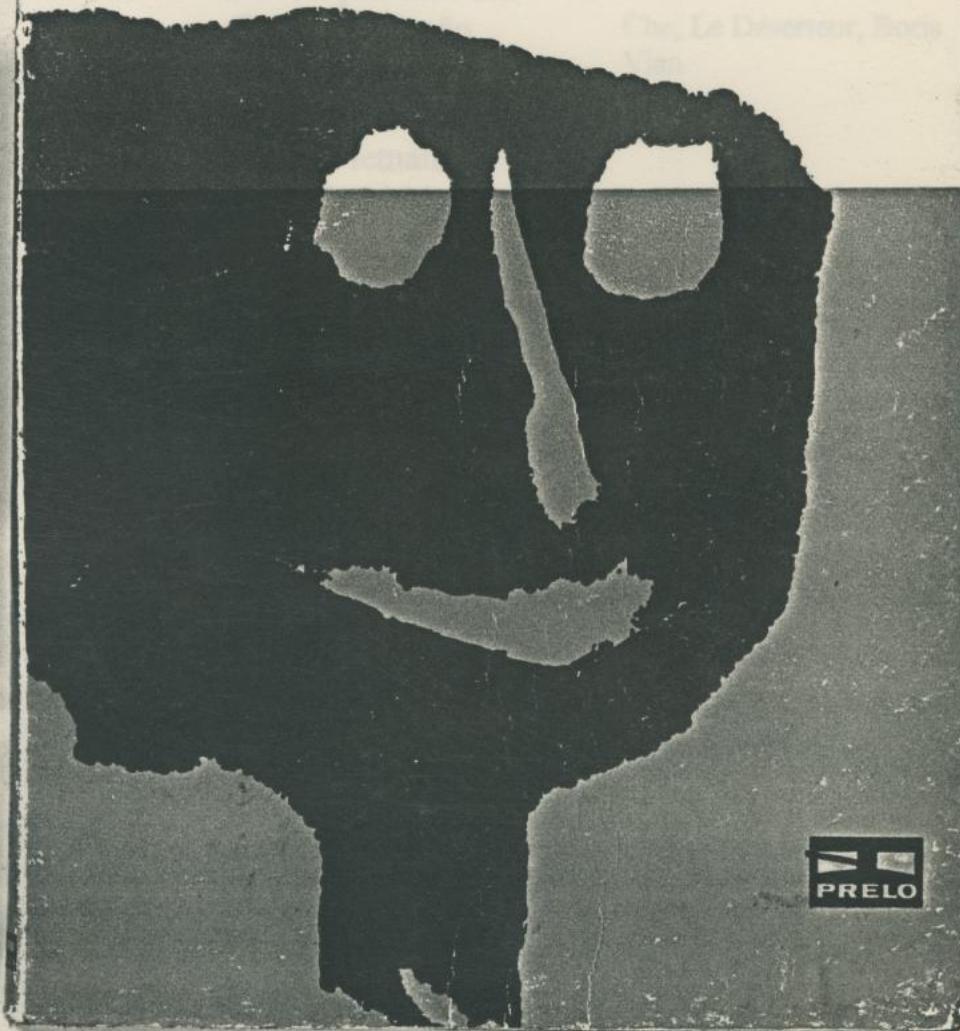


repertório para um teatro actual

liberdade, liberdade

luiz francisco rebello, luís de lima e helder costa

12



Acontecimentos

Revolução Francesa
Comuna de Paris
Revolução Russa

I Guerra Mundial
Guerra de Espanha
II Guerra Mundial
Revolução Chinesa
Cuba, revolução
argelina
Maio de 68/
Praga/Vietnam
Abril de 1974

Temas

Escravos
Mulheres
Juventude
Amores
Timor
guerras recentes
figuras centrais da
cultura (Zeca, Adriano,
Mário Dionísio- textos,
pintura)
Vidas quotidianas

soul, blues?
Teresa Torga, Zeca

(filmes do Jacques Tati?
Chaplin na fábrica?)

Pode-se considerar

: convites para complementos de estilos diferentes (ópera, rap, rock...)
: e outros suportes sonoros (declarações de políticos, frases
conhecidas, sons de músicas “do outro lado”, fadunchos situacionistas,
músicas militares, hinos, etc.)

Liberdade, Liberdade

VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLEÇÃO:

- 1 — OS CÃES
de *Tone Brulin*
- 2 — DENTE POR DENTE
de *William Shakespeare*
- 3 — A CARTA PERDIDA
de *Ion Luca Caragiale*
- 4 — GUILHERME TELL TEM OS OLHOS TRISTES
de *Alfonso Sastre*
- 5 — TRÊS PEÇAS NUM ACTO
de *Avelino Cunhal*
- 6 — FELIZ ANIVERSÁRIO
de *Harold Pinter*
- 7 — PEQUENOS BURGUESES
de *Máximo Gorki*
- 8 — A MÁQUINA DE NAUFRAGAR
de *Carlos Manuel Rodrigues*
ESTRANGULADOS ASSUMIMOS A VIDA
de *José A. Goulão Rodrigues*
A VIAGEM
de *Armando de Pina Mendes*
- 9 — A MÃE
de *Stanislas Witkiewicz*
- 10 — JOÃO PALMIERI
de *António Larreta*
- 11 — O CONCERTO DE SANTO OVIDIO
de *António Buero Vallejo*

capa de
MIGUEL FLÁVIO

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa por
PRELO EDITORA, S.A.R.L.
Rue da Misericórdia, 67, 2.º-Esq. — Telef. 37 06 91
LISBOA

LIBERDADE, LIBERDADE

Em encadernação, sempre com capa e contracapa de *Miguel Flávio*, com-
peteram em 1965, para o teatro da capital, um mon-
óculo composto por um de *Brasileiros de cidadãos, po-
mes, canções, fragmentos, peças de vidas dadas
e estórias sobre*

LUIZ FRANCISCO REBELLO, LUIΣ DE LIMA

— cuja
palavra de *abertura* e **HELDER COSTA**
retrougei» (Millor), era necessário um espetáculo que
se propusesse «reclamar, denunciar, protestar — mas
sobretudo alertar» (Flávio). Dito por clara reclamar
a Liberdade, denunciar, protestar — com a colaboração musical de
— o alertar —

JOSÉ MÁRIO BRANCO

— porca malice.
Mas o
baseado no roteiro de espetáculo de
justifica que
so apreenderam, quando
FLÁVIO RANGEL e MILLOR FERNANDES
— das
sua singrria e das suas cores das suas certezas
e incertezas, das suas queixas e das suas esperan-

BRASIL 65 / PORTUGAL 74

Dois homens de teatro brasileiros, um autor e um encenador, Millôr Fernandes e Flávio Rangel, conceberam em 1965, para o Brasil de então, um espetáculo composto por uma colagem de citações, poemas, canções, fragmentos de peças de várias épocas e estilos, sobre o tema da Liberdade.

Num país dominado por uma mentalidade «cuja palavra de ordem parece ser retroagir, retroagir, retroagir» (Millôr), era necessário um espectáculo que se propusesse «reclamar, denunciar, protestar — mas sobretudo alertar» (Flávio). Dito por claro: reclamar a liberdade, denunciar todas as mistificações da liberdade, protestar contra o esmagamento da liberdade — e alertar contra a miséria que a sua perca implica.

Mas o teatro não existe fora da cidade. E só se justifica quando (e na medida em que) corresponde ao apelo dos que nela habitam e dá testemunho das suas alegrias e das suas cóleras, das suas certezas e incertezas, das suas queixas e das suas esperan-

ças. Por outras palavras, o teatro não existe fora do tempo.

E o tempo português de 1974 não é — felizmente — o tempo brasileiro de 1965.

O espectáculo concebido pelos dois autores brasileiros poderia, hoje ainda, representar-se no seu país exactamente como há nove anos o imaginaram. Não já assim em Portugal, onde graças ao triunfo do Movimento das Forças Armadas floriu de novo o cravo vermelho da Liberdade. Não teria por isso sentido reclamá-la ou protestar contra o seu estrangulamento — nessa parte a proposta brasileira acha-se entre nós ultrapassada —, mas sim denunciar as suas contrafaçções e, sobretudo, alertar para os perigos que a ameaçam e podem conduzir à sua destruição. Porque a reacção não desarma facilmente (é a lição da História que temos a obrigação de não esquecer) e não recua diante de coisa nenhuma, por mais hedionda que seja, para vencer o inimigo que mais teme: a Liberdade, única via possível para uma sociedade justa em que o homem não mais seja explorado pelo homem.

Sobre este aspecto colocámos a tônica dominante do nosso espetáculo. Aproveitando o esquema básico da peça brasileira, e alguns dos textos nela incluídos, desviámos-lhe o eixo de uma reivindicação de liberdade para a necessidade da sua consolidação, aqui e agora. Daí a substituição da maior parte dos poemas e canções, das sentenças, frases e discursos citados, e a introdução de novas cenas e episódios.

sódios, como por exemplo um «acto» do Teatro Cam-
pesino, o debate na Assembleia Nacional sobre o
«caso da capela do Rato», a evocação do movimento
de libertação das colónias portuguesas, as cenas alu-
sivas à tomada da Bastilha, à Comuna de Paris e à
Revolução de Outubro, o processo movido contra
Aquilino Ribeiro, o episódio final sobre o Chile.
A encenação de Luís de Lima, a colaboração de Hel-
der Costa como dramaturgista e de José Mário Branco
como organizador da estrutura musical do espectá-
culo, garantiram-lhe a essencial unidade, não só esté-
tica mas ainda ideológica.

No grande e necessário processo em curso de consciencialização do povo português, de aprendizagem da Democracia, de construção do Socialismo, é este o nosso contributo de homens de teatro e cidadãos, a nossa proposta de diálogo com o povo do nosso País, agora finalmente dono do seu destino. Esperemos (e por isso lutaremos) que para sempre.

LUIZ FRANCISCO REBELLO

A versão portuguesa de LIBERDADE, LIBERDADE estreou-se em Lisboa, no Teatro Villaret, em 28 de Agosto de 1974

Nela intervieram, como actores,

LUS DE LIMA

(que a dirigiu e encenou)

A DO CÉU C

como cantor

CARLOS CAVALHEIRO

como músicos

JÚLIO PEREIRA

CARLOS PATRÍCIO

RIA JOÃO RELÓG

PINTINHAS

direcção musical

OSÉ MÁRIO BRANCO e FAUSTO

Cenas teatrais extraídas e adaptadas de Shakespeare (Julio César, O rei Lear, As Duas Casas do Parlamento, O rei Henrique VI, As Figuras), Teatro de Brecht (Morte de Klinger, Morte de Danton), Bracht (O Pájaro Mauve).

Os autores deste espectáculo agradecem a colaboração, voluntária ou involuntária, prestada por todos aqueles que o tornaram possível: actores, músicos e técnicos do palco; defensores, vítimas e mártires da Liberdade; seus detractores, inimigos e tiranos; e, bem entendido, os autores dos poemas, cenas teatrais e canções nele incluídas, cujos nomes a seguir se mencionam, pedindo desde já desculpa pelas prováveis omissões:

Novo Poemas de Ruy Cinatti, Miguel Torga, Bertolt Brecht, Ascenço Ferreira, Vinicius de Moraes, Alexandre O'Neill, Carlos de Oliveira, Langston Hughes, Joracy Camargo, Agostinho Neto, António Jacinto, Manuel Alegre, Rafael Alberti, Manuel Bandeira, Paul Éluard e Carlos Drummond de Andrade.

Cenas teatrais extraídas e adaptadas de Shakespeare (*Júlio César*), Teatro Campesino (*As Duas Caras do Patrão*), Beaumarchais (*Bodas de Figaro*), Teatro do Sol (1789), Büchner (*A Morte de Danton*), Brecht (*O Denunciante*).

Canções de José Afonso, Fernando Lopes-Graça, Rouget de l'Isle, Paul Robeson, George Gershwin, Heckel Tavares, Eugène Pottier, Victor Jara, além de várias canções e temas populares, hinos e marchas (escolhidos, como facilmente se verificará sem discriminação política de qualquer espécie).

As citações relativas às defesas de Joaquim Pinto de Andrade e Aquilino Ribeiro são extraídas dos processos que a Pide lhes moveu. O debate na Assembleia Nacional sobre o caso da «Capela do Rato» é extraído — textualmente, por muito estranho que possa parecer — do «Diário das Sessões».

Outras fontes históricas foram utilizadas para os vários discursos, citações e episódios autênticos reproduzidos ou evocados no texto do espectáculo.

Finalmente, os autores agradecem ao Movimento das Forças Armadas ter libertado Portugal do fascismo e restaurado a liberdade de expressão e de pensamento, sem o que este espectáculo não seria possível.

1.^a Parte

Mas o mais insidioso profeta
não vi. **Escuro.** Ele que em

«Angola é Nossa» — acordes finais.
Interrupção (sempre no escuro): Indicativo sonoro da Rádio Renascença.

VOZ GRAVADA DE LOCUTOR

Aqui Rádio Renascença. Vamos dar início a um novo programa.

Com o acender da luz entra, na voz do cantor, retomada depois por todos os actores, a 1.ª quadra de «Grândola, vila morena» de José Afonso.

1º Encontro do poema CANTOR publicado no suplemento «Letras» da revista «O Jornal» de 27 de Junho de 1974. Grândola, vila morena...

«Cora (Luz sobre todos) Aluno (extraído do «Cora»)

TODOS

Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

(Luz sobre:)

LUI^S DE LIMA

Hoje é tempo de acção para todos nós. Até para os milhares de Portugueses com sotaque estrangeiro, como eu. Melhor ainda, no meu caso. Agora já sei falar duas línguas, Português e Brasileiro. Voltámos à Pátria e fazemos parte do caudal irresistível que opõe ao ódio e à opressão um Mundo Novo de amor, paz e progresso.

CÉU GUERRA

O teatro é a arma que escolhemos para exprimir a nossa participação no fogo que incendeia o país.

JOÃO PERRY

O teatro é um espelho do mundo e o rosto que esse espelho agora reflecte é o rosto de um povo livre, restituído ao seu destino. Um povo que canta a sua liberdade reconquistada, e que lutará para nunca mais a perder!

(Música — acordes do «Coro da Primavera»)

JOÃO

De tão pesada noite sinto o frio
quando me aquece o sol de uma alvorada
e só, distante e perto, a voz de um povo
me diz que não me engano, que ainda vivo

CEU

Que venham as vozes implacáveis!
Que venham e não temam soletrar
o que antes já tão mal se traduzia:
o ar de quem respira puro ar,
isento de disfarce ou covardia.

(Cessam os acordes musicais)

LUS

Mas quanta insidiosa profecia
não vibra neste frio que em mim sinto...
se ouvir, latente, o soluçar sem fim...
do povo que me encanta e me diz: canta! (1)

(Música: «Coro da Primavera»)

CANTOR

Ergue-te ó sol de verão
Somos nós os teus cantores
Da matinal canção
Ouvem-se já os rumores
Ouvem-se já os clamores
Ouvem-se já os tambores (2)

(1) Excertos do poema de Ruy Cinatti, publicado no suplemento «Letras e Artes» do «Diário de Notícias» de 27 de Junho de 1974.

⁽²⁾ «Coro da Primavera», de José Afonso (extraído de «Cantares»).

Wieder wie aufgeholt und darüber zu den Feierlichkeiten der Eröffnung von 1928 CORO

CORO

Independência!

11158

Romanos!

二四六

A tirania está morta!

Particulars

Proclamai-o pelas ruas: César está morto!
restai-me atenção!
u vim para enterrar César, não para elogiá-lo.
mal que os homens fazem vive depois deles.
bem é quase sempre enterrado com os seus ossos
ssim seja com César.

(Enquanto disse as frases acima, Luís sobe a um praticável. Mudança de luz, com um único foco sobre ele)

O honrado Brutus disse que César era ambicioso;
se isto é verdade, era um defeito grave.
E gravemente César o pagou.
Aqui,— com a permissão de Brutus e dos demais —
pois Brutus é um homem honrado,
como eles todos são, todos homens honrados,
eu venho falar no funeral de César.
Ele foi meu amigo, leal e justo;
mas Brutus diz que ele era ambicioso
— e Brutus é um homem honrado.

Trouxe para Roma uma multidão de cativos,
cujo resgate encheu o nosso tesouro.
Isto em César parecia ambicioso?
Quando os pobres gemiam, César chorava;
a ambição deveria ser da matéria mais dura.
Mas Brutus diz que ele era ambicioso,
— e Brutus é um homem honrado.

Não quero desmentir o que ele disse;
falo apenas do que sei.
Todos vós o amastes, e não sem motivo;
que motivo vos impede agora de chorar por ele?
Ó Justiça! Foste morar com os animais selvagens
pois os homens perderam o raciocínio!
Ainda entram a palavra de César podia enfrentar o

mas agora aí jaz
e ninguém tão humilde que o pranteie.
Se tendes lágrimas, preparai-vos agora para

Em continente é pequeno
nas colónias o terceiro
o mais valente na guerra
na descoberta o primeiro
Dos valentes portugueses
oiçamos a sua história
Aos mouros e castelhanos
alcancam sempre a vitória

Luis

(Bem sério, mas neutro, autoritário)

E aqui, antes de continuar este espetáculo, é necessário que façamos uma advertência a todos e a cada um. Neste momento, achamos fundamental que cada um tome uma posição definida. Sem que cada um tome uma posição definida, não é possível continuarmos. É fundamental que cada um tome uma posição, seja para a esquerda, seja para a direita. Admitimos mesmo que alguns fiquem no centro, fiquem até de braços cruzados. Mas é preciso que cada um, uma vez tomada a sua posição, *fique nela!* Porque senão, meus amigos, as cadeiras do teatro rangem muito e se ninguém ficar na mesma posição, ninguém ouve nada!

(Uma pausa. Depois, João fala)

1040

Mil e muitas mil são as liberdades humanas. Aqui vêm algumas delas:

- CÉU

A fundamental: liberdade física, ser dono do próprio corpo, poder ir e vir livremente.

(Música: canção «Liberdade de ir e vir»
letra e música de José Mário Branco)

CANTOR E CORO

Nesta maré que anda pra cá e pra lá
não somos espuma nem ondas do mar
mas podemos ser a tempestade a lutar
nesta viagem que fazemos, já

Essa guerra enorme do outro lado do mar
Vão homens lutar indo pra cá e pra lá
são soldados que vão regressar, e é já
vamos fazer uma tempestade, cá

Nesta maré-vaza que nos faz emigrar
temos liberdade de ir e vir e calar
não existe fronteira pra nos explorar
não qu'remos essa liberdade cá

Essa liberdade de ir pra cá e pra lá
dá para os patrões mas para o povo não dá
separando a boa fronteira da má
vamos e vímos pra combater aqui e lá

1040

Depois dessa liberdade, que já é uma conquista do ser humano, a mais importante é a liberdade económica:

(Música: canção «Liberdade económica»
letra e música de José Mário Branco)

(CANTORE E CORO

Passo o dia a sonhar com lotaria e totóbola
Sorte grande, maná, charuto e cartóla

Quem manobra o jogo é quem te explora
Força camarada, luta agora.

Se eu tivesse dez mil contos comprava uma gaiola
Um pó-pó e uma faca de ponta e de mola

Quem manobra o jogo é quem te explora
Força camarada, luta agora

Quando chego do trabalho, fodido da cachola
Janelinha azul, indigestão de anúncios e bola

Quem manobra o jogo é quem te explora
Força camarada, luta agora

Vida inteira a trabalhar, meia rota e meia-sola
E o patrão dá-me o salário como se fosse uma esmola

Quem manobra o jogo é quem te explora
Força camarada, luta agora.

— Pernas pro ár que nô tem é de ferro! (9)

O direito à habitação:

(Música: canção «Casa Portuguesa», letra de música de José Mário Branco)

CANTOR E CORO

Barracão de pau a pique
Por detrás dum bairro chique
Uma casa portuguesa
Não é com certeza

Nossa casa portuguesa
Pão e vinho sobre a mesa
É trabalho com certeza
Explorado com certeza

Trabalho das nossas mãos
Fome dos nossos irmãos
Construamos uma casa
Pai, cumprase com certeza

Casa sem exploração
O direito à habitação
Contra a exploração burguesa
Burguesia em campa rasa

Pão e vinho sobre a mesa
Construamos nossa casa
Portuguesa com certeza

Portuguesa com certeza
Que olhava e que reflectia
Mas o que o esperava
JOÃO
O perigo nunca viria.

PATRÃO

Cala a boca. Dá cá isso. (*Tira o chapéu e a enxada*) Então, rapaz. Cabeça para cima, queixo esticado, ar duro. Faz como se entrasses no gabinete do Presidente da Câmara e o quisesses pôr na rua.

(O patrão dá-lhe o charuto e o chicote)

DOOR MESA, COLORADO. - *Sceloporus magister* *lateralis* *lateralis* (Cope)

OPERÁRIO

(Com uma força inesperada)

Olá, Toni, vamos a contas!

PATRÃO

(Defloração da menina)

OPERATIONS

OPERÁRIO
Não, não, isso não. Mas... (começa a rir) o patrão é como eu! (Põe a máscara de costas para o público, vira-se e mostra-se forte e imponente)

PATRÃA

(Com medo mas continuando a brincar)

Muito bem. Perfeito!

OPERARIO *[Entre a casa e corre] Lave-me este
cômodo deus.* **Salvo** *[Entre a casa e corre]* **OPERARIO** *[Entre a casa e corre] Lave-me este
cômodo deus.*

100

PATRÃO
Ainda é melhor assim.

OPERÁRIO
Já disse. Ao trabalho. (*Dá um pontapé no cu do patrão*)

PATRÃO
Estás a aprender depressa. Que grande actor,
não acham?

Anda cá. Vais vir e cargo de porreia que
aparece.

Sim, senhor, estou a perceber.
(Tira a máscara da máscara e sobrancelha)
OPERÁRIO
Não te pago para que tu percebas. Pago-te é para trabalhares e bico calado. Estás a ver este carro? É meu.

PATRÃO
O meu «Jaguar»?
OPERÁRIO
E aquela casa, a piscina, a mulher, o bikini, esta vinha, isto é tudo meu.

42

PATRÃO

Tu és doido? E eu onde é que vou viver?

OPERÁRIO

Eu tenho uma bela casa para tu morares e dou-te feijões para comeres. E pago-te um conto de réis por mês. Chega.

PATRÃO

Mas isso nem me dá para morrer à fome! *(Para o público)* Com a vida cara como está, vá lá os seis contos por mês. Eu percebo muito bem. Não tenho pago tanto porque tenho todas estas despesas. Mas se pudesse pagava. Bem, rapaz. Já brincámos um bocado. Dá cá as minhas coisas.

PATRÃO
Este comunista está-me a lixar. Quer-me roubar
tudo o que eu tenho.

CAPATAZ
E o que é isso a dizer mal do patrão! Vais ver
se falas tanto quando estiveres no xelindró.

PATRÃO
Oh grande estúpido, sou eu o teu patrão!

CAPATAZ
Estúpido, eu? Vais ver a carga de porrada que
já apanhas.

(Leva-o para fora de cena)

OPERÁRIO
Tira a mão. Nos cuidados e empregos dos ho-
PATRÃO
Deixa-te de brincadeiras. (*Tenta agarrá-lo*)
OPERÁRIO
Vai-te embora daqui meu malandro. Oh capataz,
oh capataz! (*Entra o capataz a correr*) Leva-me este
comunista daqui, e que eu nunca mais o veia.

OPERÁRIO
(Tira a máscara do patrão e despe o sobretudo)
Pronto, o patrão já está aviado. Mas eu não vou ficar com nada do que é dele. Não preciso, porque estou na luta e tenho os meus camaradas. Só fico com o charuto. Até à vista. *(Punho no ar)*

1118

Ou, como escreveu (a sério) o filósofo português Álvaro Ribeiro, no ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1965:

CEU

«O destino da mulher consiste em dedicar-se a um só homem, superiormente designado ou livremente escolhido, para lhe prestar obediência ou submissão, glosando as palavras do Evangelho: Eis aqui a escrava do Senhor! Faça-se em mim segundo a sua vontade!»

Dezanove pés para Luis e João

Amen.

(Escuro)

(Escuro) (mentando a flor de laranjeira)

CÉU
(canta)

Lá porque és rico e elegante
Queres que eu seja tua amante
Por capricho ou presunção
Eu tenho um marido pobre
Mas que tem uma alma nobre

Mas que tem uma alma nobre
Que é toda a minha paixão. (12)
(Luz sobre Luís e João)

[12] - Endo - 200

10

1119

Um marido que atraícoa
Todos acham natural
Mas se é ela a enganá-lo
O mundo não lhe perdoa.
Da sentença desigual
A razão aqui direi:
O mais forte faz a lei

João a ver se a imprensa como que o senhor
conde me deixa de passar tal saber sou.

O acaso do nascimento
Faz de um rei, de outro pastor.
Todos sabem qual a mãe,
O pai, não sabe ninguém.
São os mistérios do amor.

Com estes versos brejeiros, e de certo modo proféticos, termina a famosa comédia de Beaumarchais, *As Bodas de Figaro*, estreada no reinado de Luís XVI. (13)

(13) «As Bodas de Fígaro» — cuja cena inicial do 1.º acto se condensa a seguir — estrearam-se em Abril de 1784, um ano depois da sua proibição. Transcrevemos a nota dos autores da versão brasileira deste espectáculo: «A importância deste texto para a história do teatro reside no facto de que os protagonistas são homens do povo, em cujas bocas o autor colocou insídiosas

(O coro prossegue repetindo «queremos pão», em fundo, enquanto seguem as frases)

JOÃO

Morte ao Rei! Viva a República!

CÉU

Estamos aqui pela vontade do povo e só sairemos daqui pela força das baionetas! (14)

LUÍS

Abomino a violência, mas quando penso que actualmente há no reino de França quinze milhões de homens na miséria, prestes a morrer de fome, e que o governo depois de os reduzir a essa condição horrível os abandona, o meu coração aperta-se de angústia e revolta-se de indignação. (15)

JOÃO

O governo deve ter como fim a felicidade pública. A natureza criou os homens livres e iguais nos seus direitos. (16)

(14) Mirabeau.
(15) Marat.
(16) Artigos 1.º e 3.º do decreto de 4 de Agosto de 1789.
(17) Madame Roland.

⁽¹⁴⁾ Mirabeau. ⁽¹⁵⁾ Marat.

^[16] Artigos 1º e 3º do decreto do 4 de Agosto de 1945.

⁽¹⁷⁾ Madame Roland.

(+) Madame Roland.

a farinha, todos os géneros que nos faltavam eram requisitados para Ver **LUIS** anchiaram-se enquanto a gente apertava o cinto! O rei Robespierre é um traidor! gente, dizia que nós éramos a sua família, mas a gente pensava: que raio de conversa é esta. **JOÃO** raio de família em que só se fala de outros, de outros nada! Não contente Marat é um traidor! car Paris por soldados, mas não eram soldados franceses, não, que essa não tem no embrulho e acabavam **CEU** confraternizar com a gente, para ver se não era o que é a verdadeira família, Danton é um traidor! Justo! Não senhor, eram soldados estrangeiros, eram mercenários, e além disso havia também esses **LUIS** todo o lado, a vigiar-nos, Viva a Revolução! o que dizíamos, o às duas por dia, quando o rei mandou desmascarar a que é que é feito o bico e o que se **JOÃO** ter muitas coisas ainda A Revolução acabou! a gente endava assustadiSSIMA, ficou ainda mais assustada quando o rei mandou embora o único ministro da sua corte em que **LUIS** tinha confiança, porque A Revolução só pode acabar quando os homens atingirem a perfeição da felicidade. (18) *(Mudança de luz.* O texto que segue é dito em pontos diferentes da sala pelos três actores ao mesmo tempo) *...não temos nem coisa nenhuma. Se dissemos*

(18) Saint-Just.

LUIΣ, CÉU E JOÃO (19)

Oiçam todos, oiçam todos! Aproximem-se! Vemham ouvir como é que nós, o povo de Paris, tomámos a Bastilha. Mas antes de contar é preciso que saibam como é que as coisas começaram, sim, porque isto não foi assim uma ideia que nos deu de repente, não foi a gente acordar um belo dia e pensar «o que é que vamos fazer hoje? e se fôssemos tomar a Bastilha?» Nada disso, a coisa aconteceu depois duma data de sofrimentos e desgraças que eu tenho de lhes contar. Em Maio de 1789, houve a Reunião dos Estados Gerais, e para todos nós, para todo o povo, foi uma grande esperança que nasceu. A gente acreditou que tudo ia mudar, que as nossas desgraças iam acabar, e— vejam lá— ingenuamente até chegámos a ter confiança no rei. Mas os dias foram passando, depois as semanas, e as coisas continuaram na mesma. Nós na miséria e o rei a lixar-nos. Cada vez mais. Não sei se se lembram que as colheitas de 1788 tinham sido muito más, e que o inverno foi longo e muito rude. A fome estendeu-se dos campos a Paris, não havia pão nas padarias, as crianças morriam às centenas. E o rei, em vez de remediar este estado de coisas, o que fez foi aproveitar-se dele para nos dominar ainda mais. O trigo,

⁽¹⁹⁾ Texto inspirado no episódio da Tomada da Bastilha do espectáculo que o «Teatro do Sol», dirigido por Ariane Mnouchkine, montou em 1970 com o título «1789».

a farinha, todos os géneros que nos faltavam eram requisitados para Versalhes, o rei, a rainha e a corte enchiam-se enquanto a gente apertava o cinto! O rei às vezes aparecia a falar à gente, dizia que nós éramos a sua família, mas a gente pensava: que raio de conversa é esta, e que raio de família em que só uns é que comem e os outros nada! Não contente com isso mandou cercar Paris por soldados, mas não eram soldados franceses, não, que esses não iam no embrulho e acabavam por confraternizar com a gente, porque esta sim, esta é que é a verdadeira família, o povo e os soldados juntos! Não senhor, eram soldados estrangeiros, eram mercenários, e além disso havia também espiões por todo o lado, a vigiar-nos, a seguir-nos, a ouvir o que dizíamos, e às duas por trés, zás! um de nós desaparecia e que é que é feito dele? ninguém mais voltava a pôr-lhe a vista em cima, e bico calado que se queres saber muitas coisas ainda é pior. Vai daí, a gente, que já andava assustadíssima, e era isso o que o rei queria, ficou ainda mais assustada quando o rei mandou embora o único ministro da sua corte em que a gente tinha confiança, porque nos defendeu sempre e acreditávamos nele, talvez não fosse muito diferente dos outros, mas enfim, sempre dizia umas coisas enquanto os outros quando abriam a boca era só para comer. E então a gente resolveu manifestar-se, disse que não achava bem, que já era fazer pouco demais de nós. Assim, pacificamente, sem armas nem coisa nenhuma. Só dissemos isto: temos fome, não queremos morrer, não que-

remos que mandem embora quem nos defende e está por nós. E fomos para a rua, em grupos, vinham uns dum sítio, outros doutro, e íamo-nos juntando uns aos outros, por sinal que até estava um lindo domingo de sol, tínhamos levado as mulheres e as crianças e vai senão quando vêm eles de lá com cavalos, com sabres, com baionetas, e zás! em cima da gente, eles era quem podia dar mais, nós era quem mais fugir podia, e gritos, e choros, e sangue, e gente pisada e ferida, e os cavalos empinados, eu sei lá! aquilo só visto. De repente, os sinos de Paris começaram a tocar a rebate, todos os sinos ao mesmo tempo, os canhões dispararam a prevenir os outros, os que tinham ficado em casa, e cada vez vinha mais gente para a rua, e cada um trazia o que podia arranjar, paus e pedras da calçada, mas o que é que a gente podia fazer só com paus e pedras contra as armas que eles tinham? Então assaltámos as lojas dos armeiros e trouxemos cá para fora tudo o que lá havia: velhas espingardas, escopetas, canhões que deviam ser do tempo da guerra dos cem anos... Mas faltava-nos a pólvora e as balas, de que serviam as armas sem pólvora nem balas? Foi nesta altura que começou a constar que na prisão de Bastilha havia um grande depósito de munições e toca a correr para lá, mas quem é que diz que eles nos entregaram as munições? é o entregas! e desataram a disparar sobre nós, houve mortos e feridos, mas a gente que tinha chegado até ali, para trás é que já não podia ser e então dissémos: se não vai a bem vai a mal!

E foi! A Bastilha rendeu-se, tomámos a Bastilha!
Viva a Revolução!

(Música) **JOÃO**

A Revolução Francesa legou-nos a primeira Declaração dos Direitos do Homem, em que se proclamam princípios fundamentais da nossa vida civil de hoje:

CÉU

Mas Liberdade individual; ... Pelas ações fora
não-de representar essa ... mostrando-te como
um herói. **JOÃO**

Julgamento por júri;

Abolição da escravatura;

JOÃO
Eles têm medo de ti, mas tu não tens medo por isso que vira
mestres. **Direito do voto.**

Direito de voto;

Vendo Céu a Céu

Resposta: Soberania da Nação; **Resposta:** Eu gostaria de ter a

JOÃO

Fiscalização dos impostos pelo povo,

LUÍS

JOÃO

— Eu não queria morrer. Olh, quem pudesse não morrer, como diz a canção!

LUÍS
(Alguns enforcados)
(Levantando-se)
Também eu não quero morrer, Lacroix! Não podemos desaparecer! Temos de gritar bem alto!
(Grita) Eles terão que arrancar cada gota do meu sangue, uma a uma! *(Pausa. Vê Céu)* Oh, tudo o que conseguimos foi acordar Júlia. *(Debruça-se sobre ela)* Júlia, minha querida. Estás encharcada em suor. O teu corpo tremete.

CÉU

LUÍS

CÉU

JOÃO

Agora a liberdade vai honestamente deitar-se com Robespierre. Mas a esse não lhe dou mais que seis meses de vida; não tarda muito que vá fazer-nos companhia.

Que importa agora isso? Nós todos podíamos ter sido amigos, podíamos ter rido juntos...

Ademar de LUIS

peçando nos nossos tumulos.
nos humanos que possam a de progresso moral
que é de cada dia. **JOÃO**

Façamos uma cara digna para a Posteridade. Chegou a nossa hora.

CÉU
Vamos, Danton, coragem! — o mundo inteiro, que
outros poucos momento circunstâncias não deixariam de

As rodas da carroça que nos leva à guilhotina

CANTORA

Não há machado que corte
a raiz do pensamento
porque é livre como o vento
porque é livre. (22)

CÉU

A liberdade não é surda-muda nem paralítica, ela vive, fala, bate as mãos, ri, assobia, clama, ela vive da vida.

LUIS

Mas afinal o que é a liberdade? Apesar de tudo o que já se disse e de tudo o que dissemos sobre a liberdade, muitos dos senhores ainda estão naturalmente convencidos de que a liberdade não existe, que é uma figura mitológica, uma pura imaginação do homem. Mas eu garanto-lhes que a liberdade existe. Não só existe, como é feita de cimento e de cobre e tem cem metros de altura. Ela foi doada aos americanos pelos franceses em 1866, isso porque naquela época os franceses tinham liberdade a mais e os americanos não tinham nenhuma. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos colocaram-na à entrada do porto de Nova Iorque. Esta é portanto a verdade indiscutível. Até hoje a liberdade não penetrou... no território americano.. Quando Bernard

(22) Fragmento do poema «Livre», de Carlos de Oliveira posto em música por Fernando Lopes-Graça.

Shaw esteve nos Estados Unidos foi convidado a visitar a liberdade, mas recusou-se afirmando que seu gosto pela ironia não ia tão longe. Aquelas coisas em bico na cabeça da liberdade ninguém sabe o que sejam. Talvez seja uma previsão de defesa anti-aérea. Coroa de louros certamente não é. Antigamente era costume coroar-se os heróis e os deuses com coroas de louros. Mas quando os franceses doaram a liberdade aos Estados Unidos, nós portugueses já tínhamos desmoralizado o louro, pondo-o às portas das tabernas para anunciar o vinho novo. A confecção da monumental efígie custou à França trezentos mil dólares. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos fizeram-lhe um pedestal que, sendo americano, custou muito mais caro do que a própria estátua: quatrocentos e cinquenta mil dólares. Assim, a liberdade põe em cheque a afirmativa de alguns amigos nossos, que dizem de boca cheia e usando uma frase importada, que o «Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância». Não é. Como acabamos de demonstrar, o preço da liberdade é de setecentos e cinquenta mil dólares. Isso há quase um século atrás. Porque actualmente o Fundo Monetário Internacional, com a desvalorização da moeda, calcula o preço da nossa liberdade em algumas bases militares e em vários jazigos de minerais de interesse bélico.

(Escuro. Entra em fundo a voz gravada de Paul Robeson. A música desce enquanto Céu declama)

(Apaga-se o foco sobre o Cantor e acende-se em Céu. A música prossegue em fundo)

Glory, glory, CÉU

Vocês ouviram uma «freedom song» — canção de liberdade — cantada em todo o território americano pela igualdade de negros e brancos.

(Luz geral na cena. João vai ao centro)

1010

JOÃO
Primeiras palavras da Declaração da Independência Americana. Afirmamos que estas verdades são evidentes por si mesmas; que todos os homens nascem iguais e são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis e que entre estes direitos estão a vida, a liberdade e a procura de felicidade. (25)

(Apaga-se a luz geral e acende-se reflector sobre o cantor e o coro)

CANTOR E CORO

Summertime, when the living is easy
Fish are jumping and the cotton is high
Your daddy is rich and your «mas»'s good looking
So hush, little baby don't you cry... ⁽²⁶⁾

⁽²⁵⁾ A «Declaração da Independência Americana» data de 4 de Julho de 1776 e foi assinada por George Washington. A introdução é de Thomas Jefferson.

(26) «Summertime», canção de abertura da ópera «Porgy and Bess», de Gershwin (1935).

(Apaga-se o reflector sobre o cantor e acende-se sobre João) **JOÃO** num grande campo

Acontece que na discussão final da Declaração da Independência Americana, foi cortado o artigo em que se condenava a escravatura. A questão racial nascia assim com o país.

Passados duzentos anos o problema subsiste ainda, provocando a fúria do tranquilo Dr. Martin Luther King, Prémio Nobel da Paz, que seria assassinado pouco tempo depois de preferir estas palavras:

1115e

«A segregação racial é o fruto do concubinato da desumanidade com a imoralidade. Não podemos tratá-la com a vaselina da contemporização».

Ó Lu (Sai a luz geral, acende-se reflector exclusivamente sobre o cantor)
deve que
depois de

CANTOR

Mine eyes have seen the glory of the coming of my
[Lord]
He is trembling
As he died to make men holy, let us die to make
[man free]
His truth is marching on

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

cado no Rio de Janeiro, depois de fracassada a primeira tentativa para tornar o Brasil independente. O seu corpo foi esquartejado, os membros espalhados pelo caminho e a sua cabeça exposta em Vila Rica de Ouro Preto. Trinta anos depois, o Brasil proclamava a sua independência.

(Todos cantam um fragmento do *Hino da Proclamação da República Brasileira*, bruscamente cortado por rajadas de metralhadoras. Novo corte de som e de luz. Silêncio)

JOÃO

(No escuro)

4 de Fevereiro de 1961. Angola pega em armas para lutar pela sua independência.

CÉU

As casas, às nossas lavras,
às praias, aos nossos campos,
havemos de voltar. (30)

JOÃO

Depressa o Movimento de Libertação se estende a Moçambique e à Guiné.

(30) «Havemos de Voltar», poema de Agostinho Neto. O poema é dito integralmente no final do acto.

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

JOÃO
[...] (a) «Tudo o que é meu é meu e só meu é meu»

LUIS

As nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar.

JOÃO

Mas a repressão, feroz, não se faz esperar.

(Canção: «Munangambê», que continua depois em fundo)

CANTOR

Naquela roça que não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações.
Naquela roça grande tem café maduro
E aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado
pisado
torturado
vai ficar negro da cor do contratado.

MUNANGAMBÊ
MUNANGAMBÊ (31)

JOÃO

«Rapidamente e em força», são mandadas tropas para África.

(31) Poema de António Jacinto.

LUIS

As nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

E tem mais um sabor: o sabor de
De Guido-Blessi, Meio-
JOÃO Angolano

Vive a chama
De Guaporé
Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

CÉU

A frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

Lufs

A marimba e ao quissanguê
ao nosso carnaval
havemos de voltar

JOÃO

A bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

TODOS

Havemos de voltar
A Angola libertada
Angola independente. (35)

(Todos cantam «Guiné-Bissau. Angola-Moçambique», de José Mário Branco.)

TODOS

Senhores e senhoras vamos agora cantar
A Guiné-Bissau, livre e independente

O povo oprimido pega em armas pra lutar
Na Guiné-Bissau, livre e independente,

Na Guiné-Bissau
Guiado pelo Partido de vitória em vitória
O sangue dos seus filhos mostra o da História
Na Guiné-Bissau livre e independente.

Viva o PAIGC e viva Amílcar Cabral
Da Guiné-Bissau livre e independente.

E viva a FRELIMO e o MPLA
E a Guiné-Bissau livre e independente.

Angola será livre, Moçambique também
E a Guiné-Bissau será livre e independente.

(35) Texto integral do poema «Havemos de Voltar», de Agostinho Neto.

revelos de luto.
nosso amor
a vida é a vida

OAL

revelos de luto.
nosso amor
a vida é a vida

GIA

revelos de luto.
nosso amor
a vida é a vida

CEP

revelos de luto.
nosso amor
a vida é a vida

OAL

revelos de luto.
nosso amor
a vida é a vida

GIA

E o trabalhadores portugueses e africanos
Irmãos na mesma luta contra os exploradores
Na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.
E nem mais um embarque, regresso dos soldados
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola
Viva a classe operária e o povo trabalhador
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

Augusto, Bissau, todo o proletariado europeu,
e todos os que trazem ainda no peito o instinto da
liberdade, tem os olhos postos em Paris. O grito de
batalha do proletariado parisense: «Morte à Miséria
e ao paternalismo, morte ao grito de batalha de todo
o proletariado europeu». Alemão.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores
Trabalhadores de todo o Mundo, unidos!
(Bandeiras pretas.)

CB

Querímos dizer que as mulheres das soldados de
Versalhes passam a vida a chorar. Mas as nossas
não choram, e querem combater até ao fim. A nossa
bandeira negra significa a miséria e a dor pela morte
dos nossos companheiros. Cidadãos delegados: não
queremos reconciliação com o governo de Versalhes...
reconosco que a fraqueza de alguns de vós...
de muitos de vós... Perguntamo-nos: vamos lutar

para que
não seja mais a luta da morte «morte de luto» da vida

E é o que é a vida é a vida
E é o que é o que é a vida

E é o que é a vida é a vida
E é o que é o que é a vida

E é o que é a vida é a vida
E é o que é o que é a vida

E é o que é a vida é a vida
E é o que é o que é a vida

E é o que é a vida é a vida
E é o que é o que é a vida

SODOR

Inacitivo diante de um inimigo que nunca recua
perante nenhuma violência?

(Cave-se o rimbombar cada vez mais forte de
um canhão)

LUR

Fazem, fustigam e deportam milhares de operá-
rios que tinham vivido a mínima experiência his-
tórica de exercício da liberdade: o povo trabalhador.
A liberdade foi substituída por sangue.

2.ª Parte

CANTOR

L'insurgé, son vrai nom c'est L'Homme
qui n'est plus la bête de somme
qui n'obéit qu'à la raison
Et qui marche avec confiance
car le soleil de la science
se lève rouge à l'horizon

CORO

Devant toi, misère sauvage
Devant toi, pesant esclavage
L'insurgé se dresse
Le fusil chargé! (36)
(Ruido ambiente de assembleia popular)

(36) Canção de Engène Pottier e H. Ghesquière.

ESTA ANIMA MÍR

de bônus-gás, micos-micos
de bônus-gás, micos-micos
de bônus-gás, micos-micos
de bônus-gás, micos-micos

LUIΣ

Cidadãos! Os aristocratas e os burgueses que nos arrastavam para a miséria fugiram para Versalhes. Levaram consigo ouro e armas, e preparam o ataque à nossa Comuna, à Comuna de Paris. Para isso, venderão a sua Pátria, e irão entregá-la ao invasor alemão, a Bismark. Mas nós não estamos sós na luta contra a opressão. Ontem, no Parlamento Alemão, Augusto Bebel disse: «Todo o proletariado europeu, e todos os que trazem ainda no peito o instinto da liberdade, têm os olhos postos em Paris. O grito de batalha do proletariado parisiense: «Morte à Miséria e ao parasitismo», será o grito de batalha de todo o proletariado europeu.»

JOÃO

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores! Trabalhadores de todo o Mundo, uni-vos!

(Bandeiras pretas.)

CÉU

Ouvimos dizer que as mulheres dos soldados de Versalhes passam a vida a chorar. Mas as nossas não choram, e querem combater até ao fim. A nossa bandeira negra significa a miséria e a dor pela morte dos nossos companheiros. Cidadãos delegados: não queremos reconciliação com o governo de Versalhes... receamos que a fraqueza de alguns de vocês... de muitos de vocês... Perguntamos: vamos ficar

(a) Canto da batalha e batalha da Comuna

(b) Canto da batalha e batalha da Comuna

(c) Canto da batalha e batalha da Comuna

(d) Canto da batalha e batalha da Comuna

(e) Canto da batalha e batalha da Comuna

(f) Canto da batalha e batalha da Comuna

(g) Canto da batalha e batalha da Comuna

(h) Canto da batalha e batalha da Comuna

(i) Canto da batalha e batalha da Comuna

(j) Canto da batalha e batalha da Comuna

(l) Canto da batalha e batalha da Comuna

(m) Canto da batalha e batalha da Comuna

(n) Canto da batalha e batalha da Comuna

(o) Canto da batalha e batalha da Comuna

(p) Canto da batalha e batalha da Comuna

(q) Canto da batalha e batalha da Comuna

(r) Canto da batalha e batalha da Comuna

(s) Canto da batalha e batalha da Comuna

(t) Canto da batalha e batalha da Comuna

(u) Canto da batalha e batalha da Comuna

(v) Canto da batalha e batalha da Comuna

(w) Canto da batalha e batalha da Comuna

(x) Canto da batalha e batalha da Comuna

(y) Canto da batalha e batalha da Comuna

(z) Canto da batalha e batalha da Comuna

(aa) Canto da batalha e batalha da Comuna

(bb) Canto da batalha e batalha da Comuna

(cc) Canto da batalha e batalha da Comuna

(dd) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ee) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ff) Canto da batalha e batalha da Comuna

(gg) Canto da batalha e batalha da Comuna

(hh) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ii) Canto da batalha e batalha da Comuna

(jj) Canto da batalha e batalha da Comuna

(kk) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ll) Canto da batalha e batalha da Comuna

(mm) Canto da batalha e batalha da Comuna

(nn) Canto da batalha e batalha da Comuna

(oo) Canto da batalha e batalha da Comuna

(pp) Canto da batalha e batalha da Comuna

(qq) Canto da batalha e batalha da Comuna

(rr) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ss) Canto da batalha e batalha da Comuna

(tt) Canto da batalha e batalha da Comuna

(uu) Canto da batalha e batalha da Comuna

(vv) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ww) Canto da batalha e batalha da Comuna

(xx) Canto da batalha e batalha da Comuna

(yy) Canto da batalha e batalha da Comuna

(zz) Canto da batalha e batalha da Comuna

(aa) Canto da batalha e batalha da Comuna

(bb) Canto da batalha e batalha da Comuna

(cc) Canto da batalha e batalha da Comuna

(dd) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ee) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ff) Canto da batalha e batalha da Comuna

(gg) Canto da batalha e batalha da Comuna

(hh) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ii) Canto da batalha e batalha da Comuna

(jj) Canto da batalha e batalha da Comuna

(kk) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ll) Canto da batalha e batalha da Comuna

(mm) Canto da batalha e batalha da Comuna

(nn) Canto da batalha e batalha da Comuna

(oo) Canto da batalha e batalha da Comuna

(pp) Canto da batalha e batalha da Comuna

(qq) Canto da batalha e batalha da Comuna

(rr) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ss) Canto da batalha e batalha da Comuna

(tt) Canto da batalha e batalha da Comuna

(uu) Canto da batalha e batalha da Comuna

(vv) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ww) Canto da batalha e batalha da Comuna

(xx) Canto da batalha e batalha da Comuna

(yy) Canto da batalha e batalha da Comuna

(zz) Canto da batalha e batalha da Comuna

(aa) Canto da batalha e batalha da Comuna

(bb) Canto da batalha e batalha da Comuna

(cc) Canto da batalha e batalha da Comuna

(dd) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ee) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ff) Canto da batalha e batalha da Comuna

(gg) Canto da batalha e batalha da Comuna

(hh) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ii) Canto da batalha e batalha da Comuna

(jj) Canto da batalha e batalha da Comuna

(kk) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ll) Canto da batalha e batalha da Comuna

(mm) Canto da batalha e batalha da Comuna

(nn) Canto da batalha e batalha da Comuna

(oo) Canto da batalha e batalha da Comuna

(pp) Canto da batalha e batalha da Comuna

(qq) Canto da batalha e batalha da Comuna

(rr) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ss) Canto da batalha e batalha da Comuna

(tt) Canto da batalha e batalha da Comuna

(uu) Canto da batalha e batalha da Comuna

(vv) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ww) Canto da batalha e batalha da Comuna

(xx) Canto da batalha e batalha da Comuna

(yy) Canto da batalha e batalha da Comuna

(zz) Canto da batalha e batalha da Comuna

(aa) Canto da batalha e batalha da Comuna

(bb) Canto da batalha e batalha da Comuna

(cc) Canto da batalha e batalha da Comuna

(dd) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ee) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ff) Canto da batalha e batalha da Comuna

(gg) Canto da batalha e batalha da Comuna

(hh) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ii) Canto da batalha e batalha da Comuna

(jj) Canto da batalha e batalha da Comuna

(kk) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ll) Canto da batalha e batalha da Comuna

(mm) Canto da batalha e batalha da Comuna

(nn) Canto da batalha e batalha da Comuna

(oo) Canto da batalha e batalha da Comuna

(pp) Canto da batalha e batalha da Comuna

(qq) Canto da batalha e batalha da Comuna

(rr) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ss) Canto da batalha e batalha da Comuna

(tt) Canto da batalha e batalha da Comuna

(uu) Canto da batalha e batalha da Comuna

(vv) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ww) Canto da batalha e batalha da Comuna

(xx) Canto da batalha e batalha da Comuna

(yy) Canto da batalha e batalha da Comuna

(zz) Canto da batalha e batalha da Comuna

(aa) Canto da batalha e batalha da Comuna

(bb) Canto da batalha e batalha da Comuna

(cc) Canto da batalha e batalha da Comuna

(dd) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ee) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ff) Canto da batalha e batalha da Comuna

(gg) Canto da batalha e batalha da Comuna

(hh) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ii) Canto da batalha e batalha da Comuna

(jj) Canto da batalha e batalha da Comuna

(kk) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ll) Canto da batalha e batalha da Comuna

(mm) Canto da batalha e batalha da Comuna

(nn) Canto da batalha e batalha da Comuna

(oo) Canto da batalha e batalha da Comuna

(pp) Canto da batalha e batalha da Comuna

(qq) Canto da batalha e batalha da Comuna

(rr) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ss) Canto da batalha e batalha da Comuna

(tt) Canto da batalha e batalha da Comuna

(uu) Canto da batalha e batalha da Comuna

(vv) Canto da batalha e batalha da Comuna

(ww) Canto da batalha e batalha da Comuna

(xx) Canto da batalha e batalha da Comuna

(yy) Canto da batal

O camarada Lenine propõe uma aventura insensata que nos custará a invasão militar das potências internacionais, a morte e o extermínio de milhões de trabalhadores. Isto sem falar na abolição imediata de algumas liberdades que já conquistámos.

CEU

Camarada Kamenev: as massas trabalhadores lutam pela justiça, pela paz, pelo progresso e querem que desapareça da face da Terra o sistema humilhante baseado na exploração do homem pelo homem. As massas trabalhadoras querem a Revolução, querem o socialismo e o comunismo. E elas estão na rua, à espera de uma ordem para avançarem. Nós somos o partido de vanguarda dos operários, dos camponeses e de todo o povo trabalhador. Recuar, hesitar, travar o ímpeto revolucionário das massas, é hoje, entregá-las de mãos atadas ao inimigo e traí-las a nossa luta.

JOÃO

Passemos à votação

(Todos votam com braço no ar, à exceção de dois. Música. Bandeiras vermelhas. Canção de J. Mário Branco.)

Proletários de armas na mão
É a hora da libertação.
Nos campos e nas fábricas
Do capital as vítimas
Punho erguido contra a miséria
Contra a fome e contra a guerra
Levantam-se a cantar
A nova geração
Unida pra lutar
Contra a exploração.

Explorados e oprimidos
Viremos o mundo ao contrário
Reforcemos o nosso Partido
Para organizar
Nossa democracia
Que será popular
E contra a burguesia

Sobre o cadáver pútrido
Da velha sociedade
Construamos o socialismo
Semeemos a liberdade
Sem classes nem ladrões
Com escolas e pão
Em frente camaradas
pela Revolução.

JOÃO

A Revolução Bolchevique iniciou uma nova era na luta de classes. Por toda a parte as forças democráticas e revolucionárias se uniram, dispostas a acabar com a miséria e a fome. Mas o capitalismo engendrava no seu ventre a besta nazi.

CÉU

Espanha, 1936.

(Ouve-se a «Jota dos Três Irmãos». Depois acende-se a luz geral)

Esse mesmo espírito se reúne em 1936

A canção que acabaram de ouvir chama-se, em Espanha, jota. É o canto solitário de um homem, nascido ao norte da Espanha. Esta canção exprime o alistamento e a divisão das famílias espanholas durante a Guerra Civil, batalha perdida pela liberdade. Os falangistas, guarda avançada do fascismo espanhol, tinham o seu hino: «Cara al Sol».

(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se um reflector sobre o cantor e o coro)

CANTOR E CORC

Cara al sol, com a camisa nova
Que tu bordaste, companheira,
Vou sorrindo ao encontro da morte
E não te volto a ver

96

Voltaõ bandeiras vitoriosas
O passo alegre pela paz;
Trarão, vermelhas, cinco rosas
Do sangue do meu coração.
Voltará a rir a primavera
Cara al sol, para sempre eu estarei
Arriba Espanha, Espanha livre,
Viva Espanha, meu amor Espanha.
(Volta a luz geral da cena. Luís diz)

Gostaram? Pois é... O fascismo também é capaz de produzir bonitas cantigas... E há quem vá nelas!

JOÃO

Todo o país mergulhou na guerra, e os chefes militares fascistas sentiram-se continuadores de Hernán Cortez que no México, trezentos anos antes, dirigia aos seus soldados estas palavras:

(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se
foco de luz sobre Luís)

Rumba la rumba la rumba ba
De su mundo **LUIS**

Soldados de Espanha! Antes de tudo há que lutar! Mandei afundar as caravelas para não terdes qualquer veleidade de regresso. Há que lutar com as armas que tendes à mão. E se elas se quebrarem em violento combate, então há que lutar a soco e pontapé. E se vos quebrarem os braços e as pernas,

97

Infelizmente, há, em Espanha, neste momento, um número muito grande de aleijados e em breve haverá um número muito maior, se Deus não vier em nosso auxílio. Aflige pensar que um aleijado a quem falta a grandeza de um Cervantes, busque alívio causando mutilações à sua volta.

JOÃO

(Olhando fixamente Luís e em tom de desafio)

Abaixo a inteligência! Viva a morte!

CORO

Viva! (verso de 1939) os tropas republicanas dominavam uma quarta parte da Espanha, em que se incluia Madrid. A batalha conquista da capital
JOÃO (1939) a
Viva a morte! (1939) a alegoria por Hitler, Mussolini e Franco, os republicanos contavam com o apoio da comunidade das nações internacionais.
CORO

Viva!

1105

(Adiantando-se para João e coro)

Senhores! Este é o templo da inteligência! Profanais este sagrado recinto. Vencereis porque tendes convosco a força bruta. Mas não convencereis. Por-

104

que para convencer é necessário possuir o que vos falta: a razão e a justiça. Tenho dito. (37)

da que no topo ocupa um lugar quase ignorado, com as mesmas raízes. **JOÃO** em o mesmo sentido, anónimo, simula que é o autor até nós. (10)

Morra a inteligência! Viva a morte!

CORO Viva a morte!

mais o brasileiro. Minha

Viva a morte!

Expanha no conselho
No voto a seu conselho

Viva! - Espaço da Liberdade

(Inversão de luz. Luís baixa os ombros, derrotado. A luz favorece agora Céu)

CÉU

Unamuno foi preso; e morreu dois meses e meio depois.

(O foco de luz desloca-se de Céu, vai inclinar sobre o cantor)

(37) Episódio narrado por Hugh Thomas no 2.º volume do seu livro «A Guerra Civil Espanhola».

Espanha actual de Picasso,
De Casals, de Lorca, irmão
Assassinado em Granada!
Espanha no coração
De Pablo Neruda, Espanha
No vosso e no meu coração!
Espanha da Liberdade:
A Espanha de Franco, não! (40)

CANTOR

Pueblo de España
Vuelve a cantar
Pueblo que canta
No morirá
Nós cantaremos (Continua a leitura)
Nesse livro, a
que cada verso
nomes de cidades
acusações

-1080-

JOÃO

Boletim Final da Guerra Civil Espanhola: Comunicado do Supremo Quartel General: «Hoje, depois de aprisionar o Exército Vermelho, as tropas nacionais

⁽⁴⁰⁾ «No vosso e em meu coração», poema de Manuel Bandeira, extraído da «Antologia Poética» [fragmento].

nalistas atingiram o seu último objectivo militar. A Guerra acabou. Assinado: Generalíssimo Francisco Franco. Burgos, 1939. Primeiro de Abril».

LUÍS
Certas personagens de certas pessoas são, efectivamente, fulgidas no Tribunal de Plenário e em Tribunal de Abril. E não era mentira!

*(E todos os outros, cantando em ritmo mais
lento, com a voz mais suave.)*

—poco pelo Tribunal Pueblo de España

Vuelve a cantar
Pueblo que canta
No morirá

Processo contra um escritor (41)

minhas leis, as quais o CÉU

Em 1959 o grande romance

Em 1969 o grande romancista Aquilino Ribeiro, acusado da prática de vários crimes contra

rança do Estado, porque...

(ii) Scale of measurement

...») São a forma de diálogo, reproduzem-se passos da acusação deduzida contra Aquilino Ribeiro e da defesa deste no processo motivado pelo seu romance «Quando os Lobos Uivam».

...é de que só...
...o que é de que só...
...é de que só...
...é de que só...

JOÃO

...é de que só...
...é de que só...

LUI

...é de que só...
...é de que só...

JOÃO

...é de que só...
...é de que só...

LUI

...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...

JOÃO

...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...

LUI

...é de que só...
...é de que só...

JOÃO

...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...
...é de que só...

LUI

LUI

«Eu sinto-me com grilhões nos pulsos! E não só eu! Muito mais gente também. Que outra coisa poderá dizer um escritor que tem visto os seus livros censurados e proibidos, o homem que conheceu a prisão, o exílio, e que foi demitido arbitrariamente das funções públicas em que servia o seu País? Que menos poderá ele dizer de um regime que mantém a censura à Imprensa e ao livro depois de 30 anos e que supriu as liberdades fundamentais?»

(Apagam-se os focos que incidiam sobre os dois actores. Luz geral na cena)

JOÃO

Céu, tu sabias que a liberdade de um povo se mede pela sua capacidade de rir?

CÉU

(Para a plateia)

Portanto, vocês agora devem rir bastante, que é para parecerem bem livres.

(Apaga-se a Luz. João. No fundo, a gravação de *Deutschland Über Alles*)

JOÃO

(Depois de pausa)

Ah, a situação não está nada boa! Cada vez sobra mais mês no fim do dinheiro.

LUI

Hitler tomou o poder. O que não aconteceu? Acho que vou mudar-me para os Estados Unidos. Se existe Deus, é óbvio, aquela que «mudarem de país» é a vontade de Deus. Inclui-se o treinamento de Hitler, como ele descreveu a Estados Unidos? Porquê? (numa das cenas da sua peça *Terror e Morte no III Reich*.¹⁶)

(Luc gira no LUI: Céu entra e encontra LUI)

Pelo menos os problemas com negros são lá mesmo, no país; não é preciso estar a arriscar o coiro em África. E ainda se ganha mais... e em dólares.

CANTOR

Ó Céu, por falar em Estados Unidos, sabias que lá é crime a mulher revistar os bolsos do marido?

CÉU

(Para a plateia) Aqui é apenas perda de tempo.

JOÃO

Olha, eu resolvi o meu problema muito simplesmente. Ouvi tanto os técnicos falarem sobre a influência do custo da forragem no aumento do preço da carne, que agora eu resolvi não comer mais carne; como a forragem directamente.

LUIS

Pois. (Céu começa a executar a acção quando Luis a interrompe)

Espera! E se o pequeno disser que o retrato não estava aí antes, é uma agravante. Pode ser interpretado como consciência de culpa? (Um ruído) Que barulho foi este? A porta?

CÉU

Não ouvi nada. (Agora um ruído bem nítido)

8-20,000 students. **LUIS**

Ouviste? **CÉU**

(Aterrada, abraçando-o)

Não vamos perder a cabeça. Calma

(Céu sai. Luís fica sozinho no centro do palco, aguardando. Ouvi-se a voz de Céu)

CÉU

Onde é que foste?! Responde, Klaus!

(Uma pausa. Ela muda nitidamente de tom e depois pergunta de novo, com a voz meliflua)

Onde é que andaste até agora, meu filhinho querido?

(Uma pausa. Ela volta e aos poucos vai recobrando uma expressão de tranquilidade e alívio. Fala)

CÉU

Ele disse... que foi comprar chocolates.

(Eles olham-se e começam a sorrir. Correm um para o outro e abraçam-se, aliviados. Mas então a expressão dos dois começa novamente a mudar e Luis, afastando-se de Céu, pergunta)

LUIS

Será verdade?

(Escuro. Ainda no escuro, ouve-se bem forte a gravação de «Die Fahne Hoch». Em seguida acende-se um foco de luz sobre João)

...não é só a sua face que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

JOÃO

«...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

CÉU

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

JOÃO

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

CÉU

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

JOÃO

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

CÉU

(Inversão de foco de Céu para João)

...não é só a sua personalidade que é bonita: é a sua personalidade que é bonita...»

JOÃO
E a Alemanha ia aumentando o seu poder territorial: em 11 de Março de 1938 as tropas nazis invadiram a Áustria, em 15 de Março de 1939 a Checoslováquia, em 1 de Setembro de 1939 a Polónia.

CÉU

Dois dias depois, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha.

COMO O CANTOR LUIS

«Esta guerra terá de ser conduzida com uma dureza sem precedentes, sem piedade e sem tréguas! Todos os que se opuserem ao nazismo deverão ser implacavelmente liquidados! Instalaremos Tribunais de Nazis e os nossos inimigos serão condenados à morte. Autorizo os soldados alemães a violar todas as leis internacionais! Eu, Adolfo Hitler, sou o Führer, o Líder da Nação, Comandante Supremo, Juiz Supremo e Chefe do Partido!»⁽⁴⁵⁾

(Inversão de foco de luz de Luís para João)

COMO O CANTOR JOÃO

Em 9 de Abril de 1940 a Alemanha invadia a Dinamarca e a Noruega. Em 15 de Maio a Holanda ren-

(45) Montagem de trechos de vários discursos e ordens militares de Hitler.

dia-se. Em 28 de Maio, a Bélgica. E em 14 de Junho, a França era invadida por soldados de Hitler.

(Inversão de foco de luz para Céu)

POR FAVOR, CANTOR CÉU

Nos meus livros de estudante,
Sobre a carteira e as árvores,
Sobre a praia e sobre a neve,
Escrevo o teu nome⁽⁴⁶⁾

(Inversão de foco de luz de Céu para João)

POR FAVOR, CANTOR JOÃO

Imediatamente começou então a Resistência Francesa:

(Inversão de luz de João para cantor)

CANTOR E CORO

Abandonai a mina
E descei pela colina
Camaradas
Depois tirai da palha
O fuzil e a metralha
As granadas!

(46) Primeira estrofe do poema «Liberté» de Paul Éluard (1942).

Ohé les tueurs
À la talle et au couteau
Tuez vite...
Ohé saboteurs
Attention a ton fardeau
Dynamite!

Vertei, camaradas,
Vosso sangue sobre o chão
Da primavera
Cantai, companheiros,
que ao sol a liberdade
Nos espera... (47)

CÉU
Em todas as páginas lidas
Em todas as páginas brancas
Pedra sangue papel cinza
Escrevo o teu nome.

⁽⁴⁷⁾ «Chant des Partisans», letra de J. Kessel e M. Druon

Em cada sopro de aurora
Sobre o mar e sobre os barcos
Na montanha enlouquecida
Escrevo o teu nome.

Em toda a carne oferecida
Na fronte dos meus amigos
Em cada mão que se estende
Escrevo o teu nome

E ao poder de uma palavra
Recomeço a minha vida
Nasci para te conhecer
pra te chamar
Liberdade. (48)

Assim cantou, em 1942, a Liberdade perdida o poeta francês Paul Éluard. Vinte e cinco anos depois, assim a cantaria também um poeta português, Manuel Alegre.

LUIS

Sobre esta página escrevo
teu nome que no peito trago escrito
laranja verde limão
amargo e doce o teu nome.

^[48] Quatro estrofes (terminando pela última) do poema, já citado, de Éluard.

(a) «Coração de fogueira», «M. A. M.»

coração de fogueira
que não tem fogo
que é só fogo
que é só fogo

CER

que é só fogo
que é só fogo

(b) «Estrelas pol

que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo

que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo

(c) «Estrelas pol

que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo

Sobre esta página escrevo
O teu nome de muitos nomes feito
água e fogo lenha vento
primavera pátria exílio.

Esta chama ateada no meu peito
por quem morro por quem vivo
este nome rosa e cardo
por quem livre sou cativo.

Sobre esta página escrevo
o teu nome: Liberdade. (49)

(Escuro. No escuro, ouve-se a voz do cantor acompanhada pelo coro, cantando novamente, num ritmo mais entusiasta:)

CANTOR E CORO

Vertei, camaradas,
Vosso sangue sobre o chão
Da primavera!
Cantai, companheiros,
Que ao sol a liberdade
Nos esperai!

(O foco de luz acende-se sobre cantor e coro, que executam a última frase musical)

(49) «Liberdade», poema de Manuel Alegre (extraído de «Praça da Canção», 1956).

coração de fogueira

(a) «Coração de fogueira», «M. A. M.»

que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo

CER

que é só fogo

que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo
que é só fogo

o ator de teatro milésia

que é só fogo

da Alemanha de Hitler. O inimigo prossegue o avanço e lança novas forças na frente. Uma séria ameaça pesa sobre o nosso país. Esta guerra foi-nos imposta e o nosso país deve travar uma luta de morte... Ao lado do Exército Vermelho, todo o povo se ergue para defender o nosso país. Não há lugar nas nossas fileiras para os choramingas, para os cobardes, para os desertores e semeadores de pânico. É sem medo e com um desinteresse total que o nosso povo deve travar a guerra de libertação contra os eslavagistas fascistas... Todos devem bater-se até à última gota de sangue. Tudo o que pode ser utilizável: trigo, petróleo, metais, que não possa ser evacuado, deve ser destruído. Toda a potência do nosso povo deve ser utilizada para esmagar o inimigo. Avante, para a vitória!»

lodos morreram, escrop... os últimos defendem
LUIS negros de pedra,
mas a vida vai. Há práticas e peleja como honestas
Stalingrado...
Depois de Madrid e de Londres, ainda há grandes
[cidades!]
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
outros homens surgem, a face negra de pó e de pól-
[vora,
e o hábito selvagem da liberdade
dilata os seus peitos, Stalingrado,
seus peitos que estalam e caem
enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.
Os telegramas de Moscovo repetem Homero.
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um
[mundo novo
que nós, na escuridão, ignorávamos.

Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,
na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,
no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das
[bombas,
na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes.
Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos,
[resistes.
Que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome
[em ouro oculto] estará firme no alto da página.
Terás custado milhares de homens, tanques e aviões,
[mas valeu a pena.

Saber que vigias, Stalingrado,
sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos
[confusos pensamentos distantes
dá um enorme alento à alma desesperada
e ao coração que duvida.

Stalingrado, miserável monte de escombros, entre-
[tanto resplandecente!
As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo
[e silêncio.

Débeis em face do teu pavoroso poder,
mesquinhas no seu esplendor de mármores salvos e
[rios não profanados,
as pobres e prudentes cidades, outrora glorioas,
[entregues sem luta,
aprendem contigo o gesto de fogo.
Também elas podem esperar.
Stalingrado, quantas esperanças!
Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos
[derrama!
Que felicidade brota de tuas casas!
De umas apenas resta a escada cheia de corpos;
de outras, o cano de gás, a torneira, uma bacia de
[criança.
Não há mais livros para ler nem teatros funcionando
[nem trabalho nas fábricas,
todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem
[pedaços negros de parede
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insectos
[ao sol
ó minha louca Stalingrado!
A tamanha distância procuro, indago, cheiro os des
[troços sangrentos
apalpo as formas desmanteladas do teu corpo,
caminho solitariamente em tuas ruas onde há māo
[soltas e relógios partidos
sinto-te como uma criatura humana, e que és t

Uma criatura que não quer morrer e combate,
contra o céu, a água, o metal a criatura combate,
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a
[criatura combate,
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a cri-
[tura combate,

e vence.
As cidades podem vencer, Stalingrado!
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é
[apenas uma fumaça subindo do Volga.
Penso no colar de cidades, que se amarão e se
[defenderão contra tudo.
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem. (51)

Novas esperanças desabrocharam. Seguindo o curso irresistível da História, muitos povos se libertaram, novos mundos começaram a ser construídos.

CÉU

— **Amélia**

(51) «Carta a Stalingrado», de Carlos Drumond de Andrade (extraído de «A Rosa do Povo», 1945).

CÉU

A nossa homenagem aos milhares de homens e mulheres portugueses que lutaram durante dezenas de anos contra o odioso e criminoso regime fascista de Salazar e de Caetano.

JOÃO

Hoje, temos no nosso país um raio de luz que anuncia a liberdade. Que anuncia a chegada à paz e ao progresso.

LUIS

Mas a batalha ainda não está ganha. Provámos que, historicamente, o inimigo sabe esperar e não recua diante de nenhum crime para voltar a impor a desigualdade, o privilégio, a exploração.

CÉU

Dizemos isto para que nenhum de nós se distraia, para que nenhum de nós esmoreça diante da batalha que continua.

JOÃO

E que terminará pela nossa vitória definitiva.

LUÍS

Queiram ou não queiram as forças da reacção nacional ou internacional.

148

OS TRES

A luta continua e nós não estamos dispostos a perder.

(Canção final de José Mário Branco)

TODOS

Com a história na mão
E sem ter medo de nada
Classe trabalhadora forte e organizada
Liberdade não cresce sem ser semeada
Avança de cabeça levantada

Liberdade, liberdade,
Quem a tem chama-lhe sua
A do povo já não tarda
Porque a luta continua
E de cabeça levantada

Contra os capitalistas de casaca virada
Contra as falinhas mansas que não nos dizem nada
Classe trabalhadora forte e emancipada

Liberdade, liberdade
Quem a tem chama-lhe sua
A do povo já não tarda
Porque a luta continua
E de cabeça levantada

FIM

367401355
109.00

